

ENSAIOS E ANSEIOS CRÍPTICOS



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA

EDITORIA  
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – CHRISTIANO LYRA FILHO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO

SEDI HIRANO – SILVIA HUNOLD LARA

*Paulo Leminski*

# ENSAIOS E ANSEIOS CRÍPTICOS

2ª EDIÇÃO AMPLIADA

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

L543e Leminski, Paulo, 1944-1989.  
Ensaios e anseios crípticos / Paulo Leminski. – 2ª ed. ampliada –  
Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

1. Literatura brasileira – História e crítica. 2. Ensaios brasileiros. 3. Cul-  
tura. I. Título.

CDD B869.09

B869.45

ISBN 978-85-268-0974-1

301.2

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira – História e crítica	B869.09
2. Ensaios brasileiros	B869.45
3. Cultura	301.2

Copyright © by Herdeiros de Paulo Leminski

Copyright © 2012 by Editora da Unicamp

1ª edição, 2011

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp  
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp  
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728  
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

## SUMÁRIO

### PARTE I

ANSEIOS TEÓRICOS .....	11
BUSCANDO O SENTIDO.....	13
TESES, TESÕES.....	15
VARIAÇÕES PARA SILÊNCIO E ILUMINAÇÃO.....	19
ALEGRIA DA SENZALA, TRISTEZA DAS MISSÕES .....	26
O SONHO ACABOU. VAMOS BATER MAIS UMA.....	36
ARTE INÚTIL, ARTE LIVRE? .....	41
ESTADO, MERCADO. QUEM MANDA NA ARTE?.....	51
O ÚLTIMO <i>SHOW</i> DE <i>ROCK</i> QUEM CHORA? .....	55
O <i>BOOM</i> DA POESIA FÁCIL.....	59
TUDO, DE NOVO.....	66
O TEMA ASTRAL.....	76
QUANDO CANTAM OS PENSAMENTOS .....	81
INUTENSÍLIO.....	85
PUNK, DARK, MINIMAL, O HOMEM DE CHERNOBYL .....	88

ARTE-REFLEXO .....	96
FORMA É PODER .....	100
SEM EU, SEM TU, NEM ELE.....	106
SEM SEXO, NECA DE CRIAÇÃO .....	111
A VANGUARDA DO FICAR.....	119
O AUTOR, ESSA FICÇÃO .....	123
O TU NA LITERATURA.....	127
POESIA NO RECEPTOR.....	131
POESIA: VENDE-SE .....	134
O QUE É QUE CAETANO TEM .....	136
CLICK: ZEN E A ARTE DA FOTOGRAFIA .....	139
O PACOTE ORTOGRÁFICO E A POESIA.....	144
O NOME DO POEMA .....	148
DUAS DITADURAS .....	152
TRÊS LÍNGUAS .....	156
CULTURITIBA.....	163
A VOLTA DO REPRIMIDO .....	167
LER UMA CIDADE: O ALFABETO DAS RUÍNAS.....	170
OS PERIGOS DA LITERATURA.....	178
COMUNICANDO O INCOMUNICÁVEL.....	181
DOUBLE “JOHN” FANTASY .....	186
BECKETT, O APOCALIPSE E DEPOIS.....	192

## PARTE 2

M, DE MEMÓRIA .....	207
LATIM COM GOSTO DE VINHO TINTO .....	209
UM TEXTO BASTARDO.....	220
TAIYO TO TETSU.....	226
LENNON RINDO.....	241

FERLINGUETE-SE!.....	261
O UIVO E O SILÊNCIO .....	266
JARRY, SUPERMODERNO.....	268
FOLHAS DE RELVA FOREVER .....	272
SERTÕES ANTIEUCLIDIANOS .....	278
TRANS/PARALELAS.....	284
SIGNIFICADO DO SÍMBOLO .....	287
O VENENO DAS REVISTAS DA INVENÇÃO.....	293
GRANDE SER, TÃO VEREDAS.....	298
E O VENTO LEVOU A DIVINA COMÉDIA.....	302
POETA ROQUEIRO .....	304
AVENTURAS DO SER NO NADA.....	306
TÍMIDOS E RECATADOS .....	310
TRADUÇÃO DOS VENTOS.....	313
PROSA ESTELAR .....	316
BONSAI.....	318
HISTÓRIA MAL CONTADA.....	322

### PARTE 3

MINIFESTO 2.....	329
3 MOMENTOS DA CRIAÇÃO.....	331
CENTRAL ELÉTRICA: PROJETO PARA TEXTO EM PROGRESSO.....	335
POESIA A GENTE ENCONTRA EM TODA PARTE .....	342
POESIA DE PRODUÇÃO E POESIA DE COMUNICAÇÃO .....	357
INFORMATION RETRIEVAL: A RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	359
VENTOS AO VENTO.....	369
LIMITES AO LÉU .....	381





# PARTE I



## ANSEIOS TEÓRICOS

### INVERNÁCULO

Esta língua não é minha,  
qualquer um percebe.

Quando o sentido caminha,  
a palavra permanece.

Quem sabe mal digo mentiras,  
vai ver que só minto verdades.

Assim me falo, eu, mínima,  
quem sabe, eu sinto, mal sabe.

Esta não é minha língua.  
A língua que eu falo trava  
uma canção longínqua,  
a voz, além, nem palavra.

O dialeto que se usa  
à margem esquerda da frase,  
eis a fala que me luza,  
eu, meio, eu dentro, eu, quase.



## BUSCANDO O SENTIDO

*O sentido, acho, é a entidade mais misteriosa do universo.*

*Relação, não coisa, entre a consciência, a vivência e as coisas e os eventos.*

*O sentido dos gestos. O sentido dos produtos. O sentido do ato de existir.*

*Me recuso a viver num mundo sem sentido.*

*Estes anseios/ensaios são incursões conceptuais em busca do sentido.*

*Por isso o próprio da natureza do sentido: ele não existe nas coisas, tem que ser buscado, numa busca que é sua própria fundação.*

*Só buscar o sentido faz, realmente, sentido.*

*Tirando isso, não tem sentido.*

*p. leminski*

*Curitiba, agosto de 1986.*



## TESES, TESÕES

“Quem não reflete, repete.”

(provérbio chinês, muito usado na passagem da dinastia Ming para a seguinte)

Com o Modernismo de 22, o poeta brasileiro largou de ser aquele “bom selvagem”, doce bárbaro, indígena silvícola, nativo do país da Linguagem, a ser estudado, pensado e falado por esses etnólogos vindos das poderosas regiões da Teoria, caras-pálidas que, hoje, chamamos “críticos”.

No século passado, o poeta brasileiro poetava, o crítico criticava e teorizava.

Nenhum poeta significativo do século XIX acumulava, com o uso da lira, o exercício da reflexão teórica sobre o fazer poético. Vigorava a mais rigorosa divisão do trabalho: poesia quem faz é Castro Alves, Sousândrade, Bilac, Augusto dos Anjos, Cruz e Sousa. Pensar, isso é com os Silvio Romero, os José Veríssimo, os Araripe Júnior.

O Modernismo, e isso mudou. Lógico. Toda tentativa de mudança exige reflexão. É preciso repensar a rota. Pesar e medir o passado. Formular planos. Até 22, os poetas brasileiros seguiam, sonâmbulos, os automatismos da tradição herdada, das escolas, dos modismos.

Oswald de Andrade. Bandeira. Murilo. Esses marcos da modernidade já são poetas críticos, capazes do verbo lírico, e muito capazes de falar sobre sua prática. Em Mário de Andrade, forte poeta, o peso da reflexão e da teoria quase chega a esmagar a importância do contributo poemático.

Oswald e Mário de Andrade não se limitam ao pensar sobre a poesia. São pensadores da cultura, em geral. Com eles, a linguagem só não basta. Eles têm uma meta. É preciso *metalinguagem*. Em 22, a melhor poesia brasileira acorda do seu sonho, e começa a raciocinar.

Drummond, o grande herdeiro das riquezas do Modernismo (discípulo epistolar de Mário, Drummond publica seu primeiro livro, “Alguma Poesia”, em 1930), Drummond faz mais: incorpora a reflexão ao seu próprio fazer poético, de modo explícito. Boa parte da produção poética do itabirano tem como centro o próprio fazer, a própria prática poemática. Claro, Carlos, “lutar com palavras / é uma luta vã...”.

Desde então, poetar, pra nós, virou *um ato problemático*. Algo a ser pensado, *desautomatizado*, algo a ser inventado, desde a base. Incógnita, enigma, não é mais uma certeza. Não se sabe mais onde a poesia está. Nem aonde vai.

A poesia era uma resposta, 22 a devolveu a seu estado original de pergunta: que é poesia? Em que consiste esse anômalo ato de palavra, regido por tantas lógicas musicais, lógicas não lógicas, essa área de discurso onde toda a loucura e desvario se permite? Onde o sentido?



Para Vinícius de Moraes, na audição.

Para João Cabral de Mello Neto, no sentido da visão.

Vinícius, poeta escrito, partiu para a música popular (Mário, músico, dera o exemplo), som, canção, melodia.

Para Cabral, poesia é olho: para “O Engenheiro” (que, por sinal, não gosta de música...), a produção do verbo lírico é arquitetura, artes plásticas, Mondrian, Miró, dança flamenga, imagem ótica, miragem semiótica.

Traduzir é refletir: metalinguagem é uma modalidade de tradução.

A poesia concreta dos anos 1950 invoca Cabral, e produz uma prática poética balizada por um parque de recursos teóricos mais amplo, radical e rigoroso do que o Modernismo, tão amplo que nem faltaram críticos que dissessem que, na poesia concreta, sobrou teoria e faltou poesia...

Quando comecei a mostrar minha lírica em meados dos anos 1960, senti, braba, a necessidade da reflexão. Atrás de mim, tinha todo o exemplo da modernidade, de Mário aos concretos, tradição de poetas re-flexivos, *re-poetas*, digamos. De alguma forma, senti que não havia mais lugar para o bardo ingênuo e “puro”: o bardo “puro” seria apenas a vítima passiva, o inocente útil de algum automatismo, desses que Pavlov explica... o mero continuador de uma rotina lítero-hipnótica.

A maldição de pensar fez suas vítimas: em minha geração, vi muitos poetas se transformarem em críticos, teóricos, professores de literatura.

Sempre os invejei, confesso, a esses trãnsfugas. Eles lá no bem-bom da análise, enquanto a gente aqui nas agruras das sínteses...

Aqui dentro, duas obsessões me perseguem (que eu saiba): a fixação doentia na ideia de inovação e a (não menos doen-

tia) angústia quanto à comunicação, como se percebe logo, duas tendências irreconciliáveis.

Ao leitor arguto, também não deve passar despercebido o conflito entre uma visão utilitária e uma visão inutilitária da arte e do fazer poético. Melhor dizendo: o conflito *na passagem* de uma visão utilitária para uma visão inutilitária. Repeli, desde o início, a hipótese de “atualizar” teorizações e posturas de textos de cinco anos atrás. Não me interessou mostrar apenas um estágio determinado de homogeneidade teórica. Preferi apresentar, no espaçotempo de um só livro, o panorama de um pensamento mudando.

Me diverte pensar que, em vários momentos, estou brincando comigo mesmo.

Espero que todos se divirtam. Não há muito mais a fazer neste mundo.

## VARIAÇÕES PARA SILÊNCIO E ILUMINAÇÃO

muitos são os silêncios  
poucos serão ouvidos

### **o silêncio de buda**

o cristianismo nasceu  
das palavras de Jesus

o zen nasceu  
de um silêncio de Buda

um dia o iluminado  
em lugar do sermão  
apresentou aos discípulos  
uma flor

sem dizer palavra  
um único discípulo entendeu  
mahakasyapa  
primeiro patriarca do zen  
a doutrina da meditação silenciosa  
da concentração descontraída  
da dança não dançada  
da voz sem voz  
da iluminação súbita  
da luz interior  
da superação dialética dos contrários na vida diária

### **o silêncio de pitágoras**

para pitágoras  
tudo é número  
tudo é harmonia  
tudo é música

os astros obedecem a uma matemática  
essa matemática é uma música

não ouvimos a música das estrelas  
porque nossos ouvidos são impuros

a culminância da experiência pitagórica  
de purificação  
e ascensão de espírito  
era ouvir nas noites estreladas  
a sinfonia vinda das esferas